



O cenário representa uma sala de foro do sertão. A um canto, um caixão de defunto, com quatro velas grandes nos cantos, ou, pelo menos, uma grande vela no lado onde se presume estar a cabeça. ADÉLIA, vestida de encarnado, está imóvel, a um canto da sala, com um porquinho na mão. Entram o juiz ORLANDO SAPO e o oficial de justiça SEVERINO BISAQUINHO. O juiz é incrivelmente míope e enfia o nariz em tudo, para poder ver.

ORLANDO

Mas é possível? Não houve
um jeito de se livrar
desse defunto sem dono?

SEVERINO

Não estou dizendo ao senhor
que fiz o que foi possível?
Chegaram com o caixão,
derramaram o pacote
e foram-se embora.

ORLANDO

O padre
tinha mais obrigação.

SEVERINO

Foi o que eu disse, mas eles
responderam que daqui
devia partir o enterro.

ORLANDO

Mas ele morreu aqui?

SEVERINO

Morreu na rua. Mas como
pedia esmola sentado
aí na porta do foro
ficaram logo dizendo
que era nossa obrigação.

ORLANDO

E onde é que está o defunto?

SEVERINO

Aí, seu juiz, aí.

ORLANDO

Nossa Senhora! Não diga!
Aonde?

SEVERINO

Ora aonde, aí.

ORLANDO (*Apalpando um móvel.*)

Estou vendo, aqui! Coitado
de Pedro Cego, morrer
assim! Aqui é o nariz?

SEVERINO

Não, aí é o armário.

ORLANDO

O armário do defunto?

Tibe! Vote! Vai pra lá
que eu não sou de sacrilégio!

SEVERINO

O nariz é do outro lado.

ORLANDO

Aqui?

SEVERINO

Não, não, seu Doutor!
Do outro lado da sala!

ORLANDO

Ah, sim, agora encontrei.
(Ajoelha-se.)
Achei, está aqui. Pedro Cego,
que a terra lhe seja leve
é o que deseja, no peito,
este seu menor amigo...

SEVERINO

Doutor, isso aí é o porco.

ORLANDO

Não diga isso, respeite
os mortos! Respeite Pedro
Cego, que ele já morreu!

SEVERINO

Eu sei que ele já morreu,
mas isso aí é um porco
e inda está vivo!

ORLANDO

Ora bolas!
E onde está esse peste
desse defunto sem dono
que não há quem ache nunca
para ao menos se rezar
por alma dessa desgraça?

SEVERINO

Mais para lá! Mais pra lá!

ORLANDO

Aqui? Cheguei, afinal?

SEVERINO

Mais para lá um pouquinho!

ORLANDO *(Topando.)*

Ai! Ai! Que diabo foi isso?

SEVERINO

Um banco!

ORLANDO

Isso é uma desgraça!
Que coisa mais trabalhosa
só é procurar defunto!
É aqui, afinal?

SEVERINO

É.
Doutor, o senhor precisa
arranjar um par de óculos.

O senhor está ficando
míope.

ORLANDO

Míope que nada!
É que, ultimamente, as coisas
deram para ficar longe.
Sou um saco de doenças,
mas quanto a isso de ver,
enxergo perfeitamente.
Por exemplo: vejo a luz.
Quando vejo a claridade
sei logo que é a janela.
Ai! Quase queimo as pestanas!
Diabo de janela quente!

SEVERINO

Doutor Orlando, é a vela!

ORLANDO

Que vela?

SEVERINO

É a vela grande
que está aí alumando
o corpo de Pedro Cego.

ORLANDO

Ah, o peste do defunto!
Me diga mesmo: aqui é
lugar de ninguém morrer?!
Quase que perco a canela
batendo naquele banco
e agora, os olhos, no fogo!

Quem já viu uma coisa dessa,
um defunto aqui no foro!
Que negócio mais sem jeito!
Isso é que é um defunto
inconveniente! Bem,
bem, se não tem outro jeito,
faz-se o enterro com a verba
de conservação do prédio.
Pedro Cego, vá com Deus!

SEVERINO

Doutor, é o porco de novo!

ORLANDO

Eu vi, eu vi que era o porco!
Ô Severino, que diabo
faz esse porco no foro?
Será que é pouco o defunto?

SEVERINO

Foi Dona Adélia quem trouxe.

ORLANDO

Ah, foi? Bem, se fede um pouco
pelo menos está vivo.
Venha cá, meu filho!

ADÉLIA (*Dando-lhe uma tapa.*)

Epa!

Vá pra lá!

ORLANDO

O que foi isso?

Bati de venta no muro?

ADÉLIA

Não, foi na dona do porco.

ORLANDO

Quem é a dona?

ADÉLIA

Eu, Adélia.

ORLANDO

A senhora me desculpe,
mas também pra que inventou
de trazer porco pra cá?

ADÉLIA

O senhor também desculpe,
mas também por que inventou
de errar e me catucar?

ORLANDO

Não faça confusão, não,
está ouvindo, Dona Adélia?
Fique aqui, junto à janela,
pra eu poder diferenciar.
Pronto: o caixão está de preto
e ela está de encarnado!
Assim sei, não tem errada.
Se eu avisto um vulto preto
sei logo que é o caixão.
O vulto encarnado é a dona
do porco. Pronto, está bem!

Para que veio esse porco?

ADÉLIA

Era o que eu ia dizer:
o porco está em questão.

ORLANDO

Ele é seu?

ADÉLIA

Não era não,
mas agora é. Inda agora
ele era de Carmelita
mas agora é muito meu.

ORLANDO

Quem é essa Carmelita?

ADÉLIA

Carmelita é uma catarina.

ORLANDO

Uma catarina? Oxente!

SEVERINO

Sim. É uma mulher-dama
que está aí no Rói-Couro.
Chegou há um mês, de Patos,
e está tudo quanto é homem
doido por ela. Ela é linda!

ORLANDO

E o nome de mulher-dama
agora é *catarina*?

ADÉLIA

Não é Frei Roque quem chama?
Frei Roque chama as mulheres
que são casadas *caseiras*
e as “damas” de *catarinas*.

SEVERINO

O Rói-Couro está assim,
está assim de catarina!
A coisa mais animada!

ORLANDO

E a senhora também é
catarina do Rói-Couro?

ADÉLIA

O quê? Doutor, me respeite!
O senhor não é besta não?
Eu sou uma mulher séria!

ORLANDO

Ah, é caseira! Desculpe!

ADÉLIA

Doutor, eu não sou caseira,
nem catarina, está bem?
Eu sou donzela e solteira!

ORLANDO

Desculpe, Dona, eu pensei...

ADÉLIA

O senhor não pensou nada
nem vai pensar, está bem?

ORLANDO

Está! Que é que há, donzela?

ADÉLIA

O que há é que esse porco
entrou-me em casa e quebrou-me
o vidro da cristaleira.

ORLANDO

O porco é da catarina
que se chama Carmelita?

ADÉLIA

Era! Ele deu prejuízo,
a dona não quer pagar,
fiquei com ele pra mim.

ORLANDO

Então, está tudo em paz,
não vejo questão nenhuma.

ADÉLIA

Mas eu vejo!

ORLANDO

Por que vê?

ADÉLIA

Essa tal de Carmelita
não se conforma em pagar

e diz que não perde o porco.
É uma mulher perigosa
e tem péssimos costumes.
Diz que me desmoraliza,
que me dá uma navalhada,
uma coisa horrível! Vim
pra o senhor me garantir!

ORLANDO

Essa é boa, toma o porco
e quer que eu garanta tudo!
Severino, fale, diga:
a mulher é braba mesmo?

SEVERINO

É mesmo que o cão, Doutor!

ORLANDO

Valha-me, Nossa Senhora!
Eu já sei que quem acaba
levando essa navalhada
sou eu. Dona, vá embora!

ADÉLIA

Vou nada! Essa catarina
está na esquina, me esperando!

ORLANDO

Meu Deus, meu Deus! Severino,
será que ela vem pra cá?

ADÉLIA

Quem sabe? O senhor que saia

e vá perguntar a ela!

ORLANDO

Deus me livre! Dona Adélia,
deixe de complicação
senão eu mando prendê-la!
A senhora entre pra ali
que eu já resolvo seu caso!

ADÉLIA

Mas é para resolver mesmo,
viu? *(Sai.)*

ORLANDO

Minha Nossa Senhora,
num dia só, um defunto,
um porco e uma navalhada!

SEVERINO

O senhor por que não manda
pagar o porco também?

ORLANDO

Com que verba eu vou pagar?

SEVERINO

Com a mesma do defunto.

ORLANDO

Termina acabando a verba.

SEVERINO

É melhor do que acabar
sua cara de navalha!

ORLANDO

Ai, que é mesmo!

SEVERINO

E se, com isso,
o senhor se sair bem
das complicações do dia,
deve dar graças a Deus.

ORLANDO

Severino, é mesmo? E o que é
que falta me acontecer?

SEVERINO

Dona Júlia não vem hoje
pra audiência do desquite?

ORLANDO

É mesmo, nem me lembrava!
Não digo que sou sem sorte?
Por que logo a Dona Júlia
achou de se desquitar?

SEVERINO

O que é que tem Dona Júlia?

ORLANDO

Não é a parteira?

SEVERINO

É.

ORLANDO

Pois é ela quem me acode
quando eu estou apertado.

SEVERINO

Oxente! A parteira?

ORLANDO

Sim.

Dona Júlia é quem me dá
as lavagens que me salvam
quando estou nos meus apertos.

SEVERINO

Pensava que nó na tripa
fosse doença de pobre.
E o senhor toma lavagens?
Nunca pensei que um juiz
passasse por essas coisas.

ORLANDO

Pois eu passo e é o jeito.
Passo de três em três dias.
Sou um saco de doenças.
Tenho uma úlcera de estômago
e duas no duodeno.
Para o lado do pulmão
caverna é o pau que mais tem.
Vivo roncando e tossindo,
com laringite e bronquite,
asma e catarro maléfico.

Nas pernas, é reumatismo.
Nos braços, tenho fraqueza
e retração nos tendões,
mau jeito nos cotovelos.
Para o lado dos intestinos
é onde está o pior.
É aquilo que você sabe:
paralisia epilética,
flatulência, nó na tripa
e aquela prisão de ventre...
inteiramente trancada,
que é preso incomunicável,
sem sursis nem habeas corpus.
Só quem relaxa a prisão
de ventre que me persegue
é Dona Júlia, a parteira.

SEVERINO

Não deixa de ser um parto.

ORLANDO

Ela me dá um clister
de mastrução, quenopódio,
fedegoso, quebra-pedra,
louro, cabeça-de-negro,
couro de tamanduá,
raspa de unha de preguiça,
jurubeba, erva amarga,
capeba e casca-sagrada.
Só ela sabe a receita,
só ela sabe a maneira
de cozinhar a mistura
e a proporção das substâncias.

SEVERINO

E resolve seu aperto?

ORLANDO

Bem, resolve! É garantido.
Tomou, destampou.

SEVERINO

Também,
com tanta mistura junta,
destampa-se até cimento.

ORLANDO

Meu Deus! Agora me diga!
Como é que posso julgar
o caso de uma mulher
sem a qual morro entupido
como cano de espingarda?

SEVERINO

Doutor, o senhor só pode
julgar tudo a favor dela.

ORLANDO

De véspera?

SEVERINO

Sim, de véspera.
O senhor sabe que morre
se não tomar o clister.
Se o senhor der contra ela,
Dona Júlia se abofela,
não dá mais a garrafada
e o senhor é quem se atola.

Ou melhor, é quem se tranca.
Trancado como uma porta
e para o resto da vida.

ORLANDO

Mas Biu, se eu me convencer
de que ela não tem razão?

SEVERINO

O senhor inda se lasca
com essa mania besta
de indagar quem tem razão.
Chega um caso, o senhor pensa,
futuca por todo lado,
descobre quem tem razão,
dá sentença a favor dele.
Quer saber o que acontece?
Quem tem razão sai achando
que o senhor não fez favor,
que era sua obrigação.
E quem não teve razão
se torna seu inimigo.
É bom negócio?

ORLANDO

Não sei,
mas eu fiz um juramento!
Meu Deus, que é que vem fazer
no mundo um pobre juiz?
Severino, eu lhe confesso
uma coisa que pensei:
o que o mundo tem de doido
é feito pelas pessoas.
Sou louco pelo Direito:
acho que o Direito puro

é o que existe de mais belo.

SEVERINO

E é muito bonito mesmo.
O júri, o réu por ali,
bem triste, de cara baixa,
se fazendo de penoso;
o advogado teimando,
se fazendo de mimoso,
se fazendo de engraçado;
o promotor, escumando,
chega parece mordido
de cachorro da moléstia;
o senhor com essa saia...
E o bom é que já se sabe:
nada daquilo é verdade,
é tudo representado,
só para ficar bonito!

ORLANDO

E a regra, a lei, a doutrina?
Você, coitado, é um rústico,
não pode gozar aquilo.
Mas para mim, Severino,
todo o encanto do mundo
é a doutrina do Direito.
É um mundo perfeito e puro.
A norma paira por cima:
é uma fonte, um céu imóvel.
Dali brota a obrigação,
as relações necessárias,
tudo flui e tudo emana
numa ordem sossegada,
um direito corresponde
a um dever do outro lado,
tudo é bem equilibrado,

cada coisa em seu limite,
todas elas se entrelaçam
por caminhos competentes,
tudo tem o seu lugar,
seu tempo determinado,
num mundo onde não há falhas
nem ruína, nem desordem.

SEVERINO

É então que nele penetram
a parteira e seu clister.

ORLANDO

Já viu desordem maior?
O clister estraga tudo.
Aquilo que era perfeito
deve agora se aplicar
a tudo que é imperfeito
e a ordem se desmorona.
O Direito, Severino,
devia existir por fora.
Organizava-se o foro
com togas e rituais,
com juízes, promotores,
tabeliões, advogados...

SEVERINO

Oficiais de justiça...

ORLANDO

Não era preciso.

SEVERINO

Assim perco meu emprego!

ORLANDO

Não se vai citar ninguém!

SEVERINO

Nem vai se julgar ninguém!

ORLANDO

Vá lá, ficava você.
Nós passávamos a vida
polindo cada vez mais
esse mundo já perfeito
com uma placa na porta:
“É proibida a entrada
dos estranhos ao serviço.”
Que sonho! O Direito puro!
Felicidade completa!

SEVERINO

Mas para acabar com ele
vem chegando agora mesmo
a parteira do clister.
E vem com o advogado.

ORLANDO

Ivo?

SEVERINO

Sim.

ORLANDO

Ivo Beltrão?
Não fico aqui, Severino!
Se ela contratou o peste

desse doutor chicaneiro,
desse magrela safado
é que o caso se complica
e ela está disposta a tudo.
Fique você. Mas se esconda.
Ouça o que esses dois conversam.
Ouça e vá lá me contar.
Se a coisa não for difícil
volto e julgo esse desquite.
Mas se tudo se complica,
vou dar parte de doente
e passo o cargo ao suplente.
Ele, que ainda não tem
nó na tripa, que resolva.
*(Sai. SEVERINO esconde-se. Entram Ivo e D. JÚLIA.
Ele de toga, ela de encarnado.)*

JÚLIA

Viu, Doutor? Aquela quenga
desgraçada está na esquina.

Ivo

Quem?

JÚLIA

Carmelita. Na certa
soube que é hoje a audiência
em que se tenta o acordo
pra não haver o desquite.
É por isso que está ali.

Ivo

Mas Dona Júlia, se acalme.

JÚLIA

Essa foi a catarina

que me roubou o marido.
É a causa do desquite.
Sabe do que mais, Doutor?
Vou acabar com moleza
e dar umas tapas nela.

Ivo

Dona Júlia, use a lógica.
A coisa mais alta e nobre
que o homem tem é a lógica.
Se todos usassem lógica,
o mundo seria outro.
A senhora dá as tapas:
pode tirar sangue nela.
Diz o Código Penal
que isso é crime. Quem se lasca?

JÚLIA

Cadê o Código?

Ivo

Aqui,
olhe.

JÚLIA

Me dê. Está bom.
É duro, grosso e pesado.
Vou jogar na cara dela.

Ivo

Meu Deus, meu Deus! D. Júlia,
eu não já provei, por lógica,
que isso é uma coisa impossível?

JÚLIA

É impossível mas eu quero!

ÍVO

Isso é rixa e essa briga
prejudica seu desquite.
Pense um pouco, use a cabeça.
Quer fazer esse desquite?

JÚLIA

Quero. Meu marido é um peste.

ÍVO

Então sente aí e deixe
que eu oriente seu caso.
A desmoralização
dessa dama Carmelita
fica para outra vez.
Vou obrigá-la a vir cá,
depor como testemunha.
Faço-lhe algumas perguntas,
ela me vai respondendo,
se irrita, se zanga, diz
o que quer e o que não quer,
fica desmoralizada.

JÚLIA

E quando é que vai ser
essa audiência?

ÍVO

Assim
que fizermos a de hoje.

JÚLIA

Doutor, o senhor garante
que cita essa catarina?

IVO

Isso garanto. A questão
é a senhora pagar.
A senhora me pagando
eu cito até o Diabo.

JÚLIA

Fico muito satisfeita
que o senhor me diga isso
porque era mesmo o Diabo
que eu ia pedir agora
para o senhor me citar.

IVO

Oxente!

JÚLIA

Oxente por quê?
O senhor não disse que
depende do pagamento?
Pois eu digo: o pagamento
também só depende disso.
Ou o senhor cita o Diabo
ou eu não lhe pago nada.

IVO

E como diabo é que eu posso
citar quem nunca existiu?
Dona, o Diabo não existe.

JÚLIA

Não existe o quê? Como é
que não existe se todo
mundo sabe que ele berra
e que aparece às pessoas?

Ivo

Dona Júlia, isso é conversa
que os católicos inventam
para intimidar o povo
e assim terem prestígio.

JÚLIA

Tenha vergonha, Doutor.
O senhor é ateu?

Ivo

Sou.
Eu não já disse à senhora
que meu Deus é minha lógica?
Como é que posso aceitar
a existência do Diabo
que é a coisa mais sem lógica
que existe nesse mundo?

JÚLIA

Ah, quer dizer que ele existe!
Pode ser disparatado,
mas que existe, isso existe!

Ivo

Nada disso. Foi um modo
de falar. Eu sou ateu.

JÚLIA

Pois seja ateu ou não seja,
hoje o senhor cita o Diabo.

Ivo

Cuidado, o juiz!

JÚLIA

Cuidado?
Cuidado por quê, se é ele
quem vai fazer o que eu quero?
O senhor vai requerer
mas ele é quem cita o Diabo.

(ORLANDO entra tateando e SEVERINO, sem que ninguém o note, sai do esconderijo.)

Não tem nada de cuidado.
Doutor Orlando, bom dia.

ORLANDO

A donzela de encarnado.

JÚLIA

Como é?

ORLANDO

Eu não já disse
que a senhora me esperasse?
Fique perto da janela.
É ela, está de encarnado!
Me diga mesmo: a senhora
não é a mulher do porco?

JÚLIA

Sou. O senhor tem razão.
Manuel é um porco mesmo.

Ivo

Doutor Orlando!

ORLANDO

De preto?
É o caixão! Pedro Cego,
siga em paz o seu caminho
para a última morada.

SEVERINO

Seu juiz, é o Doutor Ivo.

ORLANDO

E onde está o defunto?

Ivo

Que defunto?

ORLANDO

Oi, roubaram?
Não tem um defunto solto
aí pela sala não,
Ivo?

Ivo

Ai, tem! Que diabo é isso?

JÚLIA

É Pedro Cego: esticou
a canela. Não havia
quem fizesse o enterro dele,
eu mandei trazer pra cá.

IVO

Vote! No foro?

ORLANDO

E aonde
está a mulher do porco?

JÚLIA

Aqui.

ORLANDO

O porco quebrou
sua cristaleira?

JÚLIA

Nada
disso! Era o que faltava!
E ele é homem para isso?
Quebro aquela cara cínica!
Era o que faltava! Além
de largar a minha casa,
ainda quebrar os móveis!
Ele não vai mais em casa!
Desde ontem está no mundo.
Mas ele me paga essa!
Doutor, vim só lhe dizer:
nada de conciliar.
Me desquite agora mesmo
daquele porco safado!

ORLANDO

De quem?

JÚLIA

Do porco safado!

ORLANDO

Que negócio é esse, oxente!
Quer se desquitar do porco?

JÚLIA

Quero, não está na lei?
Não sou casada com ele?

ORLANDO

Com o porco, minha senhora?

JÚLIA

É.

ORLANDO

Mas me diga uma coisa:
é do porco dessa tal
catarina Carmelita
que a senhora está falando?

JÚLIA

É.

ORLANDO

Tenho ouvido no mundo
muita história atrapalhada,

mas como esta agora, nunca!

SEVERINO

Doutor, a mulher é outra.

ORLANDO

Espere, e quantas mulheres
de porco tem aqui?
(*ADÉLIA aparece.*)

SEVERINO

Duas.

ORLANDO

Todas duas de encarnado?

SEVERINO

Todas duas de encarnado.

ORLANDO

A confusão vai ser grande!
Espere. Onde está a mulher
de encarnado do primeiro
porco?

ADÉLIA

Sou eu, estou aqui.

ORLANDO

A senhora fique ali.
Cadê seu porco?

ADÉLIA

Está aqui.

ORLANDO

O porco é de Carmelita?

ADÉLIA

Era, agora é meu.

ORLANDO

Espere,
é o que vou ver. Muito bem!
Onde está a outra?

JÚLIA

Aqui.

ORLANDO

O porco é seu?

JÚLIA

Era meu,
agora é de Carmelita.

ORLANDO

Então, por que tanta briga?
Não tem problema nenhum.
Entendo que Carmelita
perdeu um porco por cá,
recebeu outro por lá!

JÚLIA

Acontece que esse porco
que ela recebeu por lá
é meu marido!

SEVERINO

Essa aí
é Dona Júlia, Doutor,
que veio para a audiência.
Não quer mais conciliar!
Diz que a tal da Carmelita
roubou o marido dela,
que ele abandonou a casa
ontem.

ORLANDO

Ah, é Dona Júlia!
Dona Júlia, como vai?

JÚLIA

Mal, muito mal! E o senhor?

ORLANDO

Vou como a senhora sabe.

JÚLIA

Eu comecei meu desquite,
mas Frei Roque se meteu.
Disse que tem esperança
de salvar meu casamento.
Disse que ia procurar
meu marido para obter
que ele deixasse de vez
essa mulher desgraçada.
Mas foi pior: meu marido,

até ontem, pelo menos,
não tinha deixado a casa.
Com a interferência do frade
parece que resolveu
fugir com a catarina,
porque Manuel desde ontem
que não pisa lá em casa.
Mas conto com o senhor,
meu caro doutor Orlando,
para resolver o caso
a favor de sua amiga.

ORLANDO

Lá vem a desordem, Biu!
Olhe, Dona Júlia, eu tenho
que resolver o seu caso
dentro da lei.

JÚLIA

Ah, é assim?
Ah, é assim? Pois resolva
seus apertos, seus trancados,
de acordo com a lei também!
De hoje em diante, Doutor,
não conte com a garrafada.
Se o senhor quer bancar anjo,
vai virar anjo também:
mais nada, entendeu, Doutor?
Por nenhuma extremidade!

ORLANDO

Eu não disse que este caso
ia acabar em desordem?
O que é que a senhora
quer que eu faça, Dona Júlia?

JÚLIA

Era o que eu estava dizendo
aqui ao Doutor Beltrão;
mas quando ia explicar tudo
sua chegada interrompeu.

SEVERINO

Vai-se interromper de novo,
Dona, porque seu marido
vem chegando com Frei Roque!

JÚLIA

É possível? Doutor Ivo,
Doutor Ivo, me segure,
senão dou em Manuel Souza.

(Entram MANUEL SOUZA e FREI ROQUE. MANUEL é homem bonachão. Acha graça na esposa, gosta dela a seu modo, mas não pode ver mulher. Não quer se desquitar, mas também não quer deixar CARMELITA. FREI ROQUE fala com sotaque estrangeiro, é um frade brabo, virtuoso e pitoresco.)

IVO

Dona Júlia, se acalme! Ai!

FREI ROQUE *(Protegendo MANUEL.)*

O que é isso, Dona Júlia?

JÚLIA

O que é isso? O que é isso, é
que eu quero dar nesse peste
e vai ser agora mesmo.

IVO

Isso pode atrapalhar
seu direito no desquite.
Use a lógica, Dona Júlia!

ORLANDO

Olha a conciliação!
Isso aqui é uma audiência
para conciliação!

JÚLIA

Conciliação uma ova!
Hoje, aqui nessa porqueira,
não se concilia nada.
Doutor, me desquite aí logo!

ORLANDO

Mas Dona Júlia...

MANUEL

Mas Júlia,
por que essa raiva toda?

JÚLIA

Você ainda pergunta,
desgraçado sem-vergonha?
Você que largou a casa?

MANUEL

Eu?

JÚLIA

Você que combinou

com aquela desgraçada
para ficar por ali,
esperando por você
pra me desmoralizar?

MANUEL

Eu?

JÚLIA

Você que me procura
humilhar a cada instante?

MANUEL

Eu?

JÚLIA

Sim, você, bicho ruim!

MANUEL

Eu nunca quis humilhá-la!
Que conversa mais danada!

JÚLIA

E aquilo que você disse?

MANUEL

Júlia, aquilo foi brincando!

JÚLIA

Ah, foi brincando! O senhor
é testemunha, Doutor,
pra me dizer se aquilo é
brincadeira que se tire!
É brincadeira? Está vendo?

O juiz disse que não!

ORLANDO

Eu não disse nada!

JÚLIA

Pois
devia dizer, Doutor.
O senhor não é juiz?
Ô Doutor, sabe o que mais?
Me desquite aí depressa!
Desquite, se não dou fim
na receita do clister
e o senhor é quem se lasca.

ORLANDO

Que brincadeira foi essa?

MANUEL

Eu conto, Doutor Orlando.
Minha mulher é uma santa
mas tem esse gênio duro,
destampado e rezinguento
que o senhor conhece bem.

JÚLIA

Rezinguenta é sua mãe.

MANUEL (*Conciliador.*)

Também era, também era.
Pois bem: o senhor conhece
Inácio da Marcação?

ORLANDO

Conheço.

MANUEL

Ele era casado
com uma mulher velha e feia.

FREI ROQUE

Estava velha e era feia
mas era a caseira dele,
e era com essa que ele
tinha de ficar ali,
na indissolubilidade!
Inácio não tinha nada
de arranjar uma catarina.

MANUEL

Mas foi o que ele arranjou.
Há uns três meses atrás
a mulher dele morreu.
Ele deixou passar tempo
pra que a defunta esfriasse
e casou com a catarina.
Pronto, foi essa a história
que eu contei lá em casa.

JÚLIA

Pronto, foi essa história
não! Conte o resto ao juiz.
Minha raiva foi do resto.

MANUEL

O resto foi brincadeira!

JÚLIA

Brincadeira uma tamanca!

ORLANDO

Conte. Eu preciso saber
para julgar com acerto.

MANUEL

Foi besteira, seu Doutor!
Com essa seca em que estamos,
todo mundo aqui está
fazendo negócio ruim.
Então eu cheguei em casa,
contei a história de Inácio
e depois disse brincando:
Foi a única pessoa
que este ano fez bom negócio.
Trocou a caseira velha
e feia na catarina
bonita e nova e só deu,
de volta, uma catacumba.

JÚLIA

Cachorro! Peste safado!
Foi para dizer a mim
que queria que eu morresse
pra ele casar com ela!
Eu mato esse miserável!
Dou-lhe de pau! Quer saber
do que mais, Doutor Orlando?
Me desquite logo aí!

ORLANDO

Dona Júlia!

Ivo

Doutor Juiz,
requeiro a Vossa Excelência
que mande tomar por termo
os motivos aqui ditos
que minha constituinte
tem pra pedir o desquite.

FREI ROQUE

Ninguém tem motivo algum
pra pedir desquite a alguém!
O negócio tem que ser
na indissolubilidade.

Ivo

O senhor, Frei Roque, é bem
contra o divórcio, não é?

FREI ROQUE

Contra esse, nem se fala!
Eu sou é contra desquite!

Ivo

Isso é obscurantismo
da Igreja Católica!

FREI ROQUE

É?
E a mãe, era obscurantista?

Ivo

Como é?

FREI ROQUE

Estou perguntando
se o senhor preferia
ter uma mãe obscurantista,
ali, certa, bem casada,
na indissolubilidade,
ou ter a mãe catarina,
progressista e desquitada?
Hein? Hum? Diga, Doutor Ivo?

Ivo

Nada disso vem ao caso.
Doutor Orlando, requeiro
que o senhor mande anotar.
Primeiro essas picuinhas
que denotam crueldade
mental e foram tornando
a vida deste casal
impossível. Vem depois
essa vida irregular,
notória em toda a cidade,
com essa mulher Carmelita.
E, finalmente, o abandono
do lar desde o dia de ontem.

JÚLIA

Ah, isso aí, seu Manuel,
eu não posso suportar.
O resto todo, inda ia.
A gente fica com raiva,
se zanga, se dana, briga,
mas isso de ser largada
desmoraliza a mulher.
Perguntam: quem é aquela?
E os outros respondem logo:
é a parteira, Dona Júlia,

largada pelo marido!
Foi isso que me fez raiva.
Era isso que eu estava
dizendo ao Doutor Orlando
quando este peste chegou.
Eu fiquei com tanta raiva,
doutor Orlando, que fiz
um negócio com o Diabo.

FREI ROQUE

Minha filha, o que é isso?
Você é ateu, é?

JÚLIA

Nada!
Que nada de ateu, Frei Roque!
Eu não sei que Deus existe?
Quem fez o mundo? Se Deus
não existisse, esse mundo
era tudo um disparate!
Sou do partido de Deus,
mas o que eu queria ontem
só arranjava com o Diabo.
Então quando foi de noite,
fiz um negócio com ele.

ORLANDO

Eu bem que estava prevendo:
vem desordem por aí.

JÚLIA

Não tem nada de desordem.
O senhor não é cristão?

ORLANDO

Sou sim, mas aqui, agora,
sou juiz e a lei não tem
nada a ver com isso!

FREI ROQUE

Ah, tem!
Ora não tem! Inda mais
o laicismo desse herege!
E a senhora, Dona Júlia?
Perdeu a vergonha, foi?
Fazer negócio com o Diabo?
Que foi que a senhora fez?

JÚLIA

Fiz um contrato pra o Diabo
carregar este nojento.
Esperei por meu marido
pra almoçar; ele não veio.
Esperei a tarde inteira
com a cara pegando fogo.
No jantar, nada do porco.
De noite, nada. Então, vi
que era uma mulher largada.
Quando chegou meia-noite
fiz um negócio com o Diabo.
Eu lhe dava minha alma
contanto que hoje, bem cedo,
ele trouxesse Manuel
e depois o carregasse,
abraçado a Carmelita,
todos dois para o inferno,
devagar, na minha vista,
gritando os dois para eu ver.
Como ele não carregou,
quero que o Doutor Orlando

mande intimar o Diabo
pra vir aqui, se explicar.

ORLANDO

Eu não disse que isso ia
dar em desordem? Quem já
viu se intimar o Diabo?

JÚLIA

O senhor, ou cita o Diabo,
ou se entope e é de vez!

ORLANDO

Dona Júlia, que maldade!

JÚLIA

É isso mesmo e acabou-se.

ORLANDO

Não houve nenhum pedido,
um requerimento em termos!

JÚLIA

Por isso, não! Doutor Ivo,
me faça o requerimento!

Ivo

Dona Júlia, use a lógica:
tudo isso é disparate.
Eu posso lá requerer
um disparate desse?

JÚLIA

Ah, é assim? Pois não lhe pago
nem um tostão!

ÍVO

O juiz
recusa essa petição!

JÚLIA

Se ele recusar, eu passo
a chave nele de vez.

ÍVO (*Embaraçado.*)

Doutor Orlando...

ORLANDO

Doutor...

ÍVO

Vou requerer. O senhor
decida como quiser.
Passo essa batata quente
às mãos de quem tem poder.

ORLANDO

O azar é meu. Se ao menos
fosse batata de purga...
Seja como Deus quiser.

ÍVO

“Ilustríssimo Senhor
Doutor Juiz de Direito
desta comarca perdida,

competente neste pleito:
Júlia Torres Vilar Souza,
aqui domiciliada,
boa e famosa parteira,
clisterzeira diplomada,
casada já de alguns anos,
brasileira desbocada,
requer a Vossa Excelência
que mande citar o Diabo,
pra que ele venha a juízo.
A seu tempo provará
que fez com ele um negócio
e como não se cumprisse
o que lhe tinha pedido
em troca de sua alma,
quer prender esse bandido.
Que mandem citar o Diabo,
seja na terra ou no inferno,
no fogo do vento seco,
nas asas do pensamento.
Termos em que, com respeito,
se pede deferimento.
Taperoá, vinte e quatro
de agosto, dia do Diabo.
Taperoá, terra seca,
de outro nome, Batalhão,
terra de pedra e de bode,
de gado, cobra e algodão.
Por seu bastante advogado,
procurador assinado,
Ivo Caxexa Beltrão.”

ORLANDO

“O Doutor Orlando Sapo,
Doutor Juiz de Direito,
desta comarca famosa

de Taperoá chamada,
Batalhão apelidada,
e de acordo com a lei,
et coetera, et coetera!
Certifico a todo mundo
do céu, da terra, do inferno,
que atendendo ao requerido
da Sra. Júlia Souza,
clisterzeira diplomada,
ordeno a qualquer dos dois
oficiais de justiça
que assistem nesta comarca
que façam citar o Diabo.
Que venha aqui. Compareça
à audiência iniciada
sob as penas que a lei manda.”
Tome, leve, Severino!
Que desordem mais danada!

SEVERINO

Pois sim! O Diabo citado!
Quem diria uma coisa dessa?

(Vai saindo com o mandado, batendo uma campã e repetindo as primeiras palavras da última fala de ORLANDO. De repente, para no limiar, assombrado).

Danou-se que agora vai
haver tapa aqui!

ORLANDO *(Persignando-se.)*

É o Diabo?

SEVERINO

Antes fosse. É Carmelita!
Vem de navalha na mão!

*(Corre. Entra CARMELITA, com uma navalha na mão.
O pânico é geral. Só FREI ROQUE fica no meio da sala,
absolutamente calmo, de mãos nos quadris.
Ele se aproxima de CARMELITA.)*

CARMELITA

Frei Roque, não venha não
que eu corto, mesmo o senhor!

FREI ROQUE

Deixe de brabeza, filha,
e me dê essa navalha.
Hein? Hum? Que é isso? Dê cá.
Sim, assim, hein? Obrigado!

MANUEL *(Não contendo o entusiasmo, não vê que está perto de JÚLIA e fala com ela.)*

Mas ela é muito bonita!
É formidável, não é?

JÚLIA

O quê, desgraçado?

FREI ROQUE

Calma!
Acabem com confusão,
senão tomo uma providência.
Estou ficando cansado
dessas brabezas aqui.
Parem, antes que eu me zangue.

Carmelita, que negócio
é esse de entrar aqui
com essa navalha?

CARMELITA

É meu porco!

ADÉLIA

Seu, não, meu. Você me paga
o vidro da cristaleira?

CARMELITA

Não!

ADÉLIA

Então o porco é meu!

FREI ROQUE

É mesmo! É dela e acabou-se.
Quem deu prejuízo, paga.

JÚLIA

E meu marido? Como é?

FREI ROQUE

Carmelita, o que foi isso?
Você tinha prometido
a mim que não se metia
para o lado dos casados.
Você não me prometeu?

CARMELITA

Prometi.

FREI ROQUE

Ao menos isso
me lembro que prometeu.
E como é que agora quer
tomar Manuel da mulher?

CARMELITA

Não sou eu que quero não,
é ele!

FREI ROQUE

E por que você
não dá logo o fora nele?

CARMELITA

Não, Frei Roque, assim também...
Ele é tão entusiasmado!
Um dia, eu estava em casa,
perto ali do corredor
que leva para meu quarto,
não sabe onde é, Ivo?

Ivo

Eu?
Eu não!

CARMELITA

Manuel passou,
debruçou-se na janela
e disse: "É muito bonita!"

JÚLIA

Ah, safado!

CARMELITA

Eu nem liguei!
No outro dia, lá estava
ele de novo na porta,
todo cheio de manejos,
com aquele entusiasmo...
Assim, não há quem resista!
Meu emprego não é esse?

JÚLIA

Ah, é, não é? Pois agora
a senhora se arrepende.
Está tudo muito bem.
Você é nova e bonita
eu já estou velha e estou feia.
Você não trabalha em nada,
eu trabalho de parteira.
A senhora é a catarina,
eu não passo da caseira.
Mas apareceu um fato
com que você não contava.
Eu vendi minha alma ao Diabo,
o juiz mandou citá-lo
e ele aparece aqui já.

CARMELITA

Pra quê?

JÚLIA

Para carregar
você e aquele safado.

CARMELITA

O Diabo não vem!

JÚLIA

Ah, vem!

Ivo

Vem nada! Ô Dona Júlia,
por que não vai pela lógica?

JÚLIA

Por lógica uma pinoia!
Se fosse pra ir por lógica,
meu marido me largava
mesmo, que eu estou velha e feia.

MANUEL

Mas Júlia que besteira, essa!
Você não tem nada, nada
de velha e feia!

JÚLIA

Desaba!
Vá pra lá, safado ruim!
Olhando o mundo com lógica,
tudo vira disparate!
Agora, se eu deixo a lógica
e sigo meu disparate,
então fica tudo claro.
Eu sou de Deus!

CARMELITA

Se a senhora

é de Deus, por que é que chama
o Diabo pra carregar
quem também foi sempre dele?

JÚLIA

Foi você quem me meteu
nessa encrenca, desgraçada!
Pode ser que eu me desgrace,
mas vocês dois vão também!
E vai ser aqui, agora!
O Diabo já vem chegando
e vai carregar vocês!

ORLANDO

Meu Deus, meu Deus! Que desordem!

JÚLIA

Pois seja ordem ou desordem,
seja disparate ou lógica,
já comecei, vou ao fim!
Demônio! Pai da mentira,
dragão cego e peçonhento,
cobra cruel e maligna!
Já que minha alma perdi,
execute o que pedi!
*(A luz baixa. Trovões e raios. SEVERINO entra, disfarçado de Diabo.
FREI ROQUE é o primeiro a correr, trepando-se num móvel.)*

FREI ROQUE

Valha-me Nossa Senhora!
São Francisco! São Francisco!
(Todos correm, menos IVO e o DOUTOR ORLANDO.)

ORLANDO

Que foi isso? Que barulho!
Um vulto escuro! É o caixão!

FREI ROQUE

Caixão que nada, é o Diabo!

ORLANDO

Ai!

Ivo

Amigos, tenham lógica!
É uma alucinação!

FREI ROQUE

De que jeito, se eu estou vendo?

ORLANDO

Eu também, olhe ele ali!
(Aponta o lado contrário.)

Ivo

Se é isso, eu também
estou vendo o Diabo ali!
Mas é alucinação,
é sugestão coletiva,
causada pelas palavras
que Dona Júlia gritou!
Vamos usar nossa lógica:
se o Diabo não existe,
como pode aparecer?

SEVERINO

Não existe? Não existe

o quê, seu cabra safado!
Vou lhe mostrar como existe
ressuscitando esse morto!

MANUEL

Meu Deus, estou desgraçado!

SEVERINO

Pedro Cego, sou o Diabo!
Levante-se do caixão!
Pelas forças infernais!
Venham, demônios sangrentos!
Que sobre o fogo do inferno!
Juntem-se as carnes defuntas,
os ossos apodrecidos
e levantem Pedro Cego
do caixão em que descansa!
(Novos raios. A luz baixa. No caixão, PEDRO CEGO se soergue, se possível com uma lanterninha acesa na boca fechada, para parecer mais com fantasma).

Ivo *(Ajoelhando-se.)*

Valha-me Nossa Senhora!
Meu Deus, tenha compaixão
desse pobre pecador!

SEVERINO

Saia! Saia, Pedro Cego,
vá sentar-se em seu lugar!

Ivo

Ai! Meu Deus!
(Corre para junto dos outros.)

ORLANDO

Que foi? É o porco?

MANUEL

Porco que nada, é o Diabo.
Ressuscitou Pedro Cego!

ADÉLIA

Ai, minha Nossa Senhora!

CARMELITA

Valha-me Deus!

JÚLIA

Meu Jesus!

FREI ROQUE

São Francisco!

IVO

São Francisco!

JÚLIA

Diabo safado, por que
não carregou meu marido?

SEVERINO

Porque não pude.

JÚLIA

Não pôde?

Que Diabo safado é esse?

SEVERINO

Quando foi que a senhora
me encarregou de levá-lo?

JÚLIA

Foi ontem à meia-noite!

SEVERINO

Acontece que ele estava
em confissão, com Frei Roque.
Por isso, não tive força
pra levá-lo para o inferno!

JÚLIA

Ele estava com Frei Roque?
Você não me deixou ontem
pra viver com essa catraia?

MANUEL

Mas Júlia, que violência!
Não está vendo que eu não ia
largar uma mulher tão boa?

JÚLIA

E por que foi que você
não foi dormir lá em casa?

MANUEL

Eis Frei Roque aí de prova!
Estava me confessando.

JÚLIA

Quem já viu uma confissão
entrar pela noite adentro
e seguir pelo outro dia?

MANUEL

Chegou-se num certo ponto
em que nós dois não pudemos
fazer acordo.

JÚLIA

Que foi?

MANUEL

Digo, Frei Roque?

FREI ROQUE

Sei lá!
Se quiser, diga! Eu não posso!

MANUEL

Frei Roque só concordava
em me dar absolvição
se eu largasse Carmelita.
E eu podia lá deixá-la!

CARMELITA (*Cariciosa.*)

Esse Manuel! Obrigada!

JÚLIA

Peste! Canalha! E o Diabo
que é que me diz disso tudo?

SEVERINO

Digo que vim cá buscá-la.
Você me deu sua alma:
foi isso que vim buscar.

CARMELITA

Boa, seu Diabo! Essa Júlia
queria me desgraçar,
ela é quem vai pra o inferno.
Eu me caso com Manuel.
Você me dá uma casa?

MANUEL

Você se zanga comigo,
Júlia, mas que ela é bonita,
isso é! É formidável!

SEVERINO

Sim, mas chegue, D. Júlia!
Com o Diabo, invocou, trocou;
e, se prometeu, pagou.
Venha para o inferno! (*Agarra-a.*)

JÚLIA

Ai, ai!
Seu Diabo, faço um acordo!

SEVERINO

Qual é?

JÚLIA

Me deixe e carregue
Doutor Orlando! Foi ele

quem fez sua citação!

SEVERINO

Foi ele quem me citou,
mas foi você, Dona Júlia,
quem fez o requerimento.
Eu vou pela lei: contrato
é contrato e a senhora
me prometeu sua alma!

Ivo (*Aproximando-se.*)

Como é? Então o senhor
não pede mais que justiça?

SEVERINO

Não peço mais que justiça.
O povo me calunia,
mas todos os meus combates
são feitos pela justiça.

Ivo

Quer dizer que o senhor
só quer levar Dona Júlia
pelos termos do contrato!
Esse contrato foi feito
aqui na comarca?

SEVERINO

Foi.

Ivo

O senhor não mora aqui,
mas o Código Civil

ensina no Artigo 12:
“É competente a autoridade
judiciária brasileira
quando for o réu domiciliado
no Brasil ou aqui tiver de
ser cumprida a obrigação.”

SEVERINO

É da lei de Introdução,
conheço.

Ivo

Aqui tem de ser
cumprida a obrigação.
Então o Doutor Orlando,
magistrado aqui presente,
é competente no pleito.
Reconhece?

SEVERINO

Reconheço.
Mas acontece, Doutor,
quem foi citado fui eu
e meu domicílio é outro.

Ivo

O Código de Processo
Civil já estabelece
no Artigo cento e quarenta
e oito, inciso primeiro:
“a competência do juiz
se prorroga quando o réu
não opuser exceção
declinatória de foro”.
O senhor opõe?

SEVERINO

Eu não.

Ivo

Então, Seu Doutor Diabo,
Vossa Excelência desculpe,
mas acaba de entrar
no meu domínio: o da lógica!

SEVERINO

Esse é meu campo também.

Ivo

Ah, é? Então estou em casa.
É um duelo de juristas!
Vamos por partes! Você
precisa de um defensor.
Tem dinheiro?

SEVERINO

Não, mas posso
aqui, num passe de mágica,
conseguir o que quiser.

Ivo

Dinheiro falso! Isso é crime.
Vá anotando, Doutor.
Eu digo é dinheiro mesmo,
do tesouro do Brasil.

SEVERINO

Desse, não tenho um tostão.

Ivo

Tem que ser por assistência.
Indique seu defensor
para o juiz nomear.
Quem escolhe?

SEVERINO

Belzebu!

Ivo

Não está matriculado
na Ordem dos Advogados.
Doutor, nomeie Frei Roque!

FREI ROQUE

Eu? Não! Também não estou
matriculado na ordem.

Ivo

A lei de Assistência indica:
na falta de advogado
pode ser qualquer pessoa.

SEVERINO

Se é assim, Belzebu pode.

Ivo

Eu disse qualquer pessoa.
Vamos por lógica: o Código
diz lá no artigo quarto:
“A personalidade civil
do homem começa do
nascimento com vida”.

Belzebu já teve mãe?

SEVERINO

Não.

Ivo

Então não é pessoa!
Não pode: é assombração.
Nomeie Frei Roque, Doutor.

FREI ROQUE

Era o que faltava! Um filho
de São Francisco acabar
como advogado do Diabo!
Não aceito! E se aceitasse
era pra ser promotor!

Ivo

Então nomeie Pedro Cego,
que deve um favor ao Diabo.

ORLANDO

Você aceita, seu Diabo?

SEVERINO

Aceito, sim. Meu direito
é tão bom que não preciso
de nenhum advogado!

ORLANDO

Então está nomeado:
Pedro Cego é o defensor.

Ivo

Vamos então pela lógica.
Quer dizer que o senhor acha
que minha constituinte
contraiu uma obrigação.

SEVERINO

Acho, ela me prometeu
a alma.

Ivo

Foi um contrato?

SEVERINO

Não houve contrato escrito,
mas que ela jurou, jurou.

Ivo

Concorda, Pedro? Concorda.
O Código Civil ensina:
“Artigo 1079: A manifestação
da vontade nos contratos
pode ser tácita quando a lei
não exigir que seja expressa.”

SEVERINO

Eu também, por mim, concordo!
Nosso contrato foi tácito.

Ivo

Muito bem, gostei de ver!
O senhor vai pela lógica!

SEVERINO

Não lhe disse?

Ivo

Pois então,
caro Doutor Satanás,
vamos de novo pra o Código.
“Artigo 1079: Nos contratos
bilaterais, nenhum dos contraentes
antes de cumprir sua obrigação
pode exigir o implemento”...
Que belo nome, implemento!
“... pode exigir o implemento
da do outro”.
Concorda? Pedro concorda!
O senhor não carregou
a catarina e Manuel:
não pode exigir, portanto,
que minha constituinte
lhe entregue a alma de graça.
Seu defensor, Pedro Cego,
como homem inteligente
continua a concordar!
(Para ORLANDO.)
Doutor, tendo apresentado
as razões, e o defensor
da outra parte concordado,
peço que julgue a favor
da minha constituinte.

ORLANDO

Deferido! O doutor Diabo
não pode mais carregá-la
pois não cumpriu sua parte
no contrato que firmou.

SEVERINO

Ah, é assim, não é? Bem,
se não pode ir a cliente,
carrego o advogado!

Ivo

Não fiz contrato nenhum!

FREI ROQUE

Mas vai somente por causa
do ateísmo, sem-vergonha!

SEVERINO

O senhor agora vai
ver para que serve a lógica!
(*Agarra-o.*)

Ivo

Minha Nossa Senhora! Eu,
levado para o inferno!
Já viu coisa mais sem lógica?
Doutor Frei Roque, me acuda,
pelo amor de São Francisco!

JÚLIA

Frei Roque, se compadeça
de Doutor Ivo, tão magro,
tão miúdo e amarelo!

FREI ROQUE

Um ateu!

Ivo

Eu me arrependo!

FREI ROQUE

Ah, então acudo! Diga:
Renuncio ao ateísmo!

Ivo

Renuncio ao ateísmo!

FREI ROQUE

Cristo era o filho de Deus!

Ivo

Cristo era o filho de Deus!
Homem, deixe de ser ruim!
Venha, se não, não dá tempo!

FREI ROQUE

Dá tempo, dá! Diga mais:
Renuncio a Satanás.

Ivo

Isso é que é falta de lógica!
É claro que eu renuncio!
Essa desgraça é que não
quer renunciar a mim!

FREI ROQUE

Isso é comigo!
*(Salta do lugar onde está, com uma cruz na mão e pronuncia
palavras em latim. O Diabo solta Ivo e vai recuando.)*

SEVERINO

Frei Roque,
então deixe eu carregar
Manuel Souza.

FREI ROQUE

Concedido!

MANUEL

Eu estou em confissão!

FREI ROQUE

Eu encerro a confissão.

SEVERINO

Venha já!

MANUEL

Doutor Frei Roque,
me acuda! Eu peço por Deus!

FREI ROQUE

Renuncia a Carmelita?

MANUEL

Carmelita, adeus! Adeus!
Mulher extraordinária!
Que dura lei! Dar adeus
a todos esses deleites,
a essa mata de ouro
por onde erramos, perdidos,
com a lembrança da cobra,
de outros bichos esquisitos

e de frutos sumarentos!
Adeus, meu anjo! Estou pronto!
Renuncio, sim senhor!

FREI ROQUE

Para sempre?

MANUEL

Para sempre!
Ai, Frei Roque, lá vou eu!

FREI ROQUE

Vou já na fachada dele!
(*Mesma cena.*)

SEVERINO

É, Frei Roque, se é assim,
se perdi o advogado,
a caseira e o marido,
então deixe pelo menos
eu levar a catarina.
Quero essa mulher notável
Só pra mim, lá no inferno!

CARMELITA

Oxente, seu Diabo! Deixe
de ser tarado! É assim?

SEVERINO

Eu quero essa para mim.
Posso levar?

FREI ROQUE

Leve, leve!
(SEVERINO agarra CARMELITA.)

CARMELITA

Mas Frei Roque, que maldade!
Ai! Ai! Frei Roque, me acuda!

FREI ROQUE

Você vai deixar Manuel?

CARMELITA

Vou! Me livre, enquanto é tempo!

FREI ROQUE

Então está ganha a partida!
Fora daqui, Diabo besta,
Diabo de meia-tigela!
Fora, fora, fora, fora!

*(Tira o cordão da cintura e dá uma pisa no
Diabo, que dá um estouro e sai.)*

Muito bem: com São Francisco
a vitória foi completa.

ORLANDO

Nunca vi maior desordem!

FREI ROQUE

Desordem por quê, Doutor?
Terminou como devia.
Júlia ganhou o marido,

Manuel ganhou a mulher,
Adélia ganhou seu porco...

CARMELITA

É, mas eu perdi o meu!

ORLANDO

Isso aí, deixe comigo.
A verba que ia ser gasta
no enterro de Pedro Cego
pode pagar o seu porco.
(SEVERINO volta e fica no limiar.)

FREI ROQUE

Então está tudo em paz.
Salvamos um casamento
e temos o nosso Ivo
convertido à nossa Igreja.

Ivo

O senhor não tem vergonha
de usar assim o Diabo
para converter os outros
não, Frei Roque?

FREI ROQUE

Diabo nada!
Aquilo era lá o Diabo!
Aquilo foi artimanha
tramada por Dona Júlia
pra Manuel voltar pra casa.

JÚLIA

Por mim?

FREI ROQUE

Dona Júlia, saiba
que eu não sou menino não!
Aquele era Severino
disfarçado de Demônio!
Que Diabo coisa nenhuma!
O Diabo é coisa tão séria!
Aquele era apalhado!
Primeiro, fiquei com medo.
Mas quando o vi discutindo,
chicanando e futucando,
vi que era, ou advogado,
ou oficial de justiça.
Olhei em volta da sala
e notei que Severino
não tinha ainda voltado.
Aí foi que descobri:
ele se disfarçou todo
mas se esqueceu de trocar
a alpercata de rabicho.

ORLANDO

Por que não nos avisou?

FREI ROQUE

Resolvi aproveitar
pra salvar o casamento
de Manuel e Dona Júlia
e converter Doutor Ivo.
Me diga: foi isso mesmo?

JÚLIA

Foi. Sabendo da audiência,

da confissão de Manuel,
da vinda de Carmelita,
dei dinheiro a Severino,
que se saiu muito bem.

Ivo

E Pedro Cego?

JÚLIA

Também
recebeu dinheiro, fez-se
de morto e o enterro
saiu lá de minha casa.
Era preciso um milagre,
uma assombração assim,
pra acreditarem no Diabo.

ORLANDO

Essa é a maior desordem
de que já ouvi falar.
Você, Ivo, que me diz?
Mantém sua conversão?

Ivo

Sabe do que mais, Doutor?
Mantenho!

ORLANDO

Mesmo depois
de saber que foi embuste?

Ivo

Mesmo assim. Eu vou por lógica.

O empecilho maior
que eu tinha, para aceitar
as coisas todas de Deus,
era a vergonha de ter
de renunciar à lógica.
Acontece que eu agora
já aceitei publicamente,
já passei pela vergonha.
Volte eu atrás ou não,
quem tiver de me gozar
vai gozar de todo jeito.
Então vou até o fim.
Mesmo que não fosse o Diabo,
já fiz o negócio público.
Entro na tropa de Deus.
E se não existir nada,
eu também não perco nada.
Se existir, estou com tudo:
é uma questão de lógica.

MANUEL

O mesmo dizemos nós!

FREI ROQUE

Pois desse tipo de lógica
Deus gosta e meu São Francisco
também gosta, que o temor
de Deus é sempre o princípio
de toda a sabedoria.

ORLANDO

A audiência terminou.
Vamos para nossas casas.

FREI ROQUE

Não. Todos vão para a igreja.
Vão todos se confessar.

CARMELITA

Eu, com a verba do meu porco. *(Sai.)*

JÚLIA

Eu, com o peste do marido,
Com esse bicho miserável
que não vale mesmo nada!

MANUEL

Eu, com minha santa Júlia,
meu tesouro, minha amada!

JÚLIA

Safado! *(Sai.)*

MANUEL

Querida! *(Sai.)*

FREI ROQUE

Eu saio
com um serviço prestado! *(Sai.)*

IVO

Eu, convertido e com lógica! *(Sai.)*

SEVERINO

Eu e Pedro com o dinheiro
tão honestamente ganho.
Pedro concorda? Concorda! *(Saem.)*

ORLANDO

Muito bem, todos lucraram.
Adélia ganhou seu porco,
a caseira, seu marido,
a catarina, sua verba.
Ivo ganhou sua fé,
Frei Roque ganhou sua alma,
Severino, seu dinheiro,
Manuel ganhou a mulher,
e eu posso continuar
a tomar o meu clister.

PANO.

